



CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

The Secret of Kells / 2009

(Brendan e o Mundo de Kells)

um filme de **Tomm Moore**

Realização: Tomm Moore e Nora Twomey (co-realização) / **Argumento:** Tomm Moore e Fabrice Ziolkowski / **Direção de Animação:** Lily Bernard / **Direção Artística:** Ross Stewart / **Montagem:** Fabienne Alvarez-Giro / **Som:** Bruno Seznec / **Música:** Bruno Coulais e Kila / **Com as vozes de:** Evan McGuire, Christen Mooney, Brendan Gleeson, Mick Lally, Liam Hourican, Paul Tylak, Michael McGrath e Sean Lennon.

Produção: Paul Young, Didier Brunner e Vivian Van Fleteren, para Les Armateurs, Vivi Film, Cartoon Saloon e France 2 Cinéma / **Cópia:** digital, falada em inglês e legendada eletronicamente em português, 75 minutos / **Estreia Mundial:** França, 30 de janeiro de 2009



“Não se consegue saber tudo através de livros”, dizia o jovem Brendan ao Irmão Aidan. “Eu acho que li isso em algum lado”, respondeu-lhe o frade que ilustrava as impressionantes iluminuras do Livro de Kells. O filme que hoje apresentamos, **Brendan e o Mundo de Kells**, é a obra de estreia do realizador Tomm Moore e é uma autêntica viagem à história e mitologia da Irlanda. Estamos perante uma floresta de livros e imaginação, bosques de criatividade e coragem, entre o encanto mágico da infância e o crescimento à idade adulta. Inspirado na mitologia irlandesa, **Brendan e o Mundo de Kells** conta-nos uma história onde as fadas e os lobos brancos da floresta se confundem com a própria história da Irlanda. O livro que irá lançar o jovem Brendan à ação, o Livro de Kells, é, na vida real, talvez o manuscrito mais importante da história da Irlanda, uma obra de enorme riqueza artística do século IX e que está hoje em exposição no museu do Trinity College, em Dublin. Percorrendo os quatro evangelhos do Novo Testamento, o Livro de Kells destaca-se pelo seu raro e bellissimo

detalhe nas iluminuras e caligrafia, unindo o alfabeto romano ao *ogham*, o misterioso alfabeto irlandês das árvores. Até chegar ao filme que hoje apresentamos, o Livro de Kells não ficou imune ao perigo e à aventura, pois foi também recuperado do esquecimento na vida real. Levado de Iona para Kells, sobreviveu às pilhagens e invasões vikings. Este tesouro artístico, um dos mais importantes do património irlandês, foi encontrado após as invasões, ainda no século IX, segundo os monges da época, já com a capa roubada (cujas incrustações a ouro e pedras preciosas nunca reapareceram), abandonado num campo “debaixo de um rolo de terra”.

Ora toda esta atenção à história e inspiração mitológica, evocam uma outra ilha: o Japão, onde se encontra o Studio Ghibli de Hayao Miyazaki, que foi uma das grandes inspirações do realizador Tomm Moore. Desde a paixão pela literatura da pequena Shizuko em *O Sussurro do Coração* (1995), aos lobos protetores da floresta em *Princesa Mononoke* (1997), a sua influência está bem presente na obra de Tomm Moore e no seu estúdio, o Cartoon Saloon, que nos trouxe filmes inesquecíveis como *A Canção do Mar* (2014) e *Wolfwalkers* (2020). A grande ambição de Moore depositada nesta primeira longa-metragem fez com que a preparação e produção deste filme durasse quase dez anos, que se refletiram bem na riqueza, originalidade e pormenor das imagens, não fosse este um filme dedicado à magia de desenhar iluminuras sagradas. À semelhança dos filmes do Studio Ghibli, a natureza, os contos tradicionais e a poesia medieval (até o gato Pangur Bán recebe o seu nome de um poema irlandês do século IX) foram fonte de inspiração para “fazer algo semelhante, mas com arte irlandesa (...) de inspiração celta e medieval, plana, em perspetiva falsa e com muita cor”.

De facto, a cor é fundamental para a nossa história e as aventuras de Brendan, cuja curiosidade é despertada com Aidan e o misterioso livro inacabado que “transforma a escuridão em luz”. É pela cor e a necessidade de terminar as iluminuras que Brendan irá arriscar a própria vida, entre novas descobertas e a sua emancipação, com a sua dose de desobediência e desafios inéditos. Perante a audácia inocente de Brendan, estes desafios tornam-se maiores que a própria vida, desafiando até o próprio deus da destruição, aqui detentor do fundamental Olho de Colm. E à semelhança da pequena Robyn, no posterior *Wolfwalkers* (2020), o jovem Brendan é demasiado destemido para ficar fechado atrás das muralhas, longe do mundo exterior. Entre os dois mundos, traz consigo caminhos interiores que nos evocam a força da intuição, do crescimento e os misteriosos poderes mágicos que nos fazem acreditar no (aparente) impossível, desbravando os trilhos de uma outra nova floresta chamada “idade adulta”. Aqui, a floresta de Kells é quase uma personagem em si, com o encanto irresistível de Aisling (outra excelente referência à poesia irlandesa) e todas as surpresas que ela irá trazer. Em contraste com a beleza e a calma dos verdes recantos e a sua belíssima cascata, os perigos das aventuras de Brendan são verdadeiramente assustadores e vão colocá-lo entre a vida e a morte. Cellach bem tentará avisar Brendan destes perigos, face à ameaça viking, mas a sua teimosia irá provocar o efeito contrário. Entre os receios de Cellach e o idealismo de Aiden, Brendan vai tentar encontrar o seu próprio caminho e transformar a sua escuridão em luz, com a coragem para enfrentar os próprios medos. O crescimento faz-se com livros (e com filmes, pois este estúdio é dos mais proeminentes da Europa) e felizmente, à sombra das árvores de Kells, este é um caminho de esperança e determinação, um caminho que nos irá revelar hoje essa magia antiga: como transformar a escuridão em luz.

Miguel Amaro